

MARCIO MOREIRA ALVES



de Brasília

O pau-brasil

• Há pessoas que se dedicam a salvar crianças carentes, abandonadas ou doentes. Recebem, em troca, a admiração e o respeito de todos. Outras, em menor número, tratam de velhos. São abnegadas e menos prestigiadas, porque os brasileiros encaram a velhice como doença contagiosa e porque os velhos não são portadores de esperança, costumam relegá-los a asilos imundos. É o nosso lado cruel.

Surpreendente é uma pessoa que dedica a sua vida à salvação e reprodução de uma espécie histórica da nossa flora, o pau-brasil. É o caso de Ana Cristina Roldão, uma pernambucana que continua o trabalho do pai, iniciado na década de 70 numa pequena chácara das proximidades de Recife. Faz germinar as sementes em canteiros de dois metros por um, ensaca-as e as manda para os quatro cantos do Brasil. Já espalhou mais de dois milhões de mudas, como mostrou domingo o meu programa preferido de jornalismo na TV, o "Globo Rural". Uma dessas mudas já está com quase um metro de altura, plantada no jardim dos novos estúdios da TV Globo, em São Paulo. É provável que, quando chegar à idade adulta, daqui a 150 anos, a televisão seja lembrada apenas como uma etapa do passado, primitiva forma de comunicação, tal como hoje alguns pesquisadores falam do início da era do rádio e do telégrafo sem fio.

Ana Cristina merece a gratidão de todos nós pelo esforço em preservar uma parte viva do nosso passado, ameaçada de extinção há séculos pela ganância predatória dos mercadores. A extinção do pau-brasil já preocupava os ministros do príncipe regente, dom João, que no princípio do século XIX publicaram um alvará recomendando ao juiz das matas do Sul da Bahia que tomasse providências para proteger a espécie. O ministro Zequinha Sarney repete hoje a mesma rotina, editando sábias regras de proteção da floresta amazônica, mas se depara com os mesmos obstáculos de seus colegas do Brasil-Reino: a falta de recursos materiais e humanos para concretizar as regras editadas e a falta de educação ecológica das populações que à floresta acorrem, em busca de um chão para o seu sustento.

Se há uma lição que devemos aprender neste didático festival de recordações em que as comemorações dos 500 anos do Brasil se transformaram é que a natureza é mais fraca que o homem que a destrói. É o que dizia o pai de Ana Cristina, o professor Roldão, ao contestar quem afirmava que o pau-brasil, sendo uma espécie nativa das matas de Pernambuco, deveria se reproduzir naturalmente, sem a ajuda do homem. Perigo enganoso. As matas pernambucanas estão reduzidas a uma minúscula fração do que eram no tempo dos holandeses. Na Zona da Mata sobra uma ou outra rala

capoeira no cocuruto dos morros. Muitas espécies desapareceram, tanto de plantas como de animais.

O testemunho da destruição da natureza pode ser encontrado em qualquer lugar do Brasil. O Vale do Paraíba foi a coluna de sustentação do Império, com os seus cafezais plantados sobre os terrenos das matas derrubadas. A fertilidade das terras durou 50 ou 60 anos, no máximo. Sobraram pastos e os magníficos palácios que os barões ergueram para ostentar sua prosperidade. Muitos deles foram, felizmente, restaurados por barões modernos, enriquecidos no mercado financeiro.

Há quarenta anos, a pista de pouso de Cachimbo, no Xingu, era um traço no meio da mata. Quando lá voltei, no ano passado, não reconheci a paisagem. As árvores gigantescas se foram, dando lugar a um cerrado franzino e triste. O mesmo aconteceu com as matas da região do Contestado, no canto Nordeste de Minas, fronteira com o Espírito Santo e o Sul da Bahia. Nanuque, que já foi um pólo madeireiro, com árvores imensas, hoje só tem eucaliptos e pastos. As serrarias fecharam e os seus donos faliram.

Quem quiser conhecer pessoalmente um pé do famoso jacarandá do Espírito Santo terá de viajar até a reserva ecológica de dez mil hectares da Vale do Rio Doce. Ao contrário do que contam os funcionários da companhia, a reserva não sobreviveu em virtude da visão a longo prazo de seus gestores. O motivo foi fazer economia. Era mais barato comprar dos fazendeiros vizinhos a madeira dos dormentes da estrada de ferro Vitória-Minas que derrubar a própria floresta. Foi esta a verdadeira razão da sobrevivência de uma das raras áreas intocadas da Mata Atlântica, que se tornou hoje um centro de pesquisas insubstituível, muito mais valioso que a madeira que contém.

Lucro com as celebrações dos 500 anos teve a Costa do Descobrimento, com suas povoações de Porto Seguro e de Santa Cruz Cabrália, para onde os governos da Bahia e federal direcionaram os seus investimentos, restaurando prédios antigos e construindo novos. É um investimento que continuará a dar frutos, através do turismo. Lucro, tivemos também todos nós, que hoje nos conhecemos melhor e, quem sabe, aprendemos a respeitar um pouco mais essa natureza esplêndida, que por tanto tempo destruimos.

E-mail para esta coluna: alves@rudah.com.br

500 anos
Manifestação Brasil: Outros 500 quer reunir 40 mil em marcha de protesto

Objetivo é chegar a Porto Seguro durante solenidade que terá presença de FH

Leticia Lins

Enviada especial

• SANTA CRUZ CABRÁLIA, BA. O Movimento Brasil: 500 Anos de Resistência Indígena, Negra e Popular decidiu ontem enfrentar o aparato policial e as barreiras montadas nas rodovias que dão acesso a Porto Seguro e vai promover a manifestação Brasil: Outros 500. A concentração começará às 10h na praia de Coroa Vermelha, em Santa Cruz Cabrália, a 22 quilômetros de Porto Seguro.

Por volta de meio-dia, a marcha deverá chegar ao Centro de Porto Seguro, de onde se dirige para a Praça das Pitangueiras, próximo a um monumento erguido em homenagem a Pedro Álvares Cabral. No mesmo momento, os presidentes do Brasil e de Portugal estarão participando das solenidades que assinalam, em Porto Seguro, os 500 anos do Brasil.

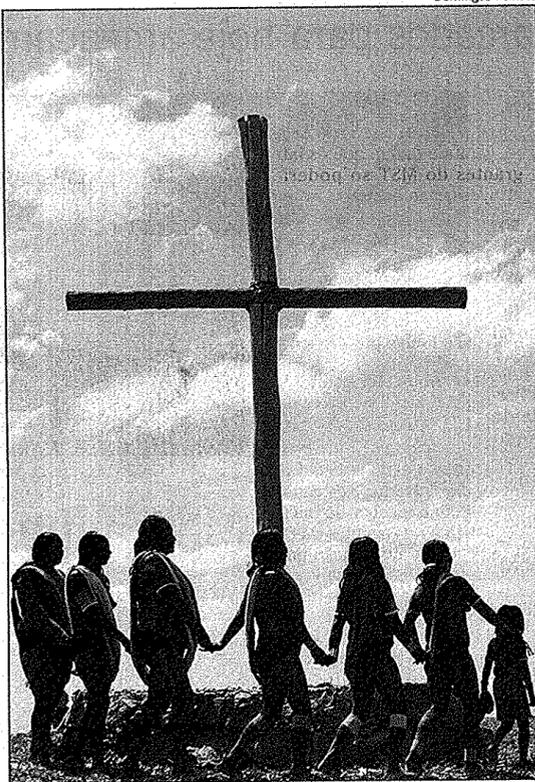
Organizadores esperam até 40 mil na manifestação

Os organizadores esperam reunir entre 30 a 40 mil pessoas, mas a quantidade de manifestantes é imprevisível.

Ontem pela manhã já havia cinco ônibus retidos nas barreiras montadas pelo Governo da Bahia nas vias de acesso aos locais das comemorações oficiais dos 500 anos do Descobrimento.

Participam caravanas de todos os estados: negros, índios, sindicatos, CUT, entidades estudantis, universidades, Movimento dos Sem-Terra (MST), sindicatos urbanos e rurais, além de setores da Igreja.

— O movimento negro, índio e popular é a cara do Brasil. Precisamos construir outros 500 anos e exigir que índios e



ÍNDIOS CAIAPÓS DANÇAM em volta da cruz em Coroa Vermelha

negros também façam parte de uma história que não começou com Pedro Álvares Cabral. Nós somos hoje outro movimento e vamos mostrar nossa força — afirmou o índio Gerson Pataxó.

— Vamos cobrar de todos, do Governo e da Igreja a sua parte. Não adianta só pedir perdão. O pedido de perdão a gente aceita, mas é preciso que se acerte a dívida que o Brasil tem conosco — disse Wilson Pataxó.

Para Olívia Santana, do Movimento Negro Unificado, a manifestação dos excluídos não tem intenção de acabar com a alegria da festa dos 500 anos:

— O problema é que a festa não contempla necessitados: negros, índios e pobres. A elite vive em festa há 500 anos.

Enquanto o MST estava reunido em Eunápolis, discutindo uma forma de chegar a Porto Seguro, que fica a 50 quilômetros de distância, lideranças

do movimento garantiam que cerca de 30 ônibus chegariam hoje à cidade.

— Vamos arranjar um jeito de chegar — disse Elias Neto, da direção estadual do MST.

Para o presidente da Comissão Pastoral da Terra, dom Tomás Balduino, a manifestação do Brasil: Outros 500 é uma conjunção de forças e energias contra o colonialismo imposto por Pedro Álvares Cabral.

— A hora da inversão está chegando — disse.

Movimento divulga um manifesto contra opressão

O Movimento Brasil: 500 Anos divulgou ontem um manifesto exigindo alternativas pluralistas e democráticas para a situação de exploração e opressão em que vive a maioria do povo brasileiro.

"O Brasil é a oitava potência econômica do mundo. Mas é campeã de desigualdade, tendo a pior distribuição de riqueza do planeta. O PIB per capita dos 20% mais ricos é 32 vezes maior do que o dos 20% mais pobres. Trinta e dois milhões de brasileiros vivem na miséria", diz o documento. E acrescenta:

"Mais de cinco milhões de sem-terra lutam por um pedaço de chão. Nossa população negra, a maior fora da África, continua vítima de discriminação racial. Os índios que eram mais de seis milhões antes da chegada de Cabral, hoje são só 250 mil. Nessa terra, queimamos índios, mata-se sem-terra, reduzem-se os direitos dos poucos partidos políticos comprometidos com as causas populares. Deixam-se impunes os criminosos do colarinho branco e os que metem a mão no dinheiro público".



NO ENCERRAMENTO da Conferência dos Povos Indígenas, kaiapós dançam em Coroa Vermelha

Índios recusam encontro com FH

Alegação é de que eles não querem ter sua imagem manipulada

• SANTA CRUZ CABRÁLIA, BA. Os índios reunidos na Conferência dos Povos e Organizações Indígenas do Brasil decidiram, em assembléia, que não participarão de nenhum encontro com o presidente Fernando Henrique Cardoso, durante sua permanência em Porto Seguro para a comemoração dos 500 anos do Descobrimento.

Os índios alegaram que os 500 anos são uma data que marca o início do extermínio de seus povos, e que não serão manipulados para o "público estrangeiro", durante as comemorações.

Eles dizem que aparecer ao lado do presidente na imprensa internacional pode dar ao público externo a impressão de que o governo brasileiro trata bem os índios. Só uma delegação, a da Amazônia, decidiu ir ao encontro do presidente, mas foi desautorizada pela assembléia. Segundo o índio Sabá Mandinery, da aldeia Mamuatat,

no Acre, seu grupo decidiu encontrar-se com o presidente porque vai aproveitar a oportunidade para entregar um documento com reivindicações para as aldeias da Amazônia.

A discussão sobre o encontro dos índios com o presidente foi a mais acalorada da assembléia de índios. A pressão sobre a delegação da Amazônia foi tão grande, que ela se retirou do plenário.

— A gente tomou a decisão certa, porque o presidente não vai nos usar. A gente quer falar com o presidente, mas em Brasília, e em outro dia, porque em 22 de abril estaremos participando da festa dos outros 500. A gente não entrega documento (o documento final da conferência) agora, em uma data simbólica da invasão do povo branco às nossas terras — afirmou Gerson de Souza Melo, pataxó Há Há da aldeia Caramuru (BA).

— Qualquer encontro que possa ocorrer hoje com o presidente e algum grupo de índios está limitado aos interesses de uma comunidade localizada. Porque a assembléia decidiu não se encontrar com o presidente, e quem for não tem respaldo de todos os parentes brasileiros — afirmou Wilson de Souza, pataxó.

Os índios disseram ter feito uma análise de 500 anos de descobrimento, "uma história infame, e indigna".

Documento pede punição para crimes contra índios

Foi divulgado o documento final do encontro, no qual exigem o direito de eleger o presidente da Funai, pedem a demarcação e regularização de terras indígenas até o final do ano, exigem punição rigorosa para os responsáveis por crimes cometidos contra os índios nos últimos 20 anos.

O presidente da Funai, Carlos Marés, compareceu à sessão final e elogiou a organização dos índios.

Dirceu diz que movimento não aceita chantagem

Para petista, caravana não interferirá na programação oficial

• SANTA CRUZ CABRÁLIA, BA. Presidente nacional do PT, o deputado José Dirceu (SP), que está em Porto Seguro para o protesto de hoje, contra as comemorações oficiais, afirmou ontem que o Movimento Brasil: 500 Anos de Resistência Indígena, Negra e Popular não aceita pressão nem chantagem do Governo. Segundo ele, o movimento vai promover hoje em Porto Seguro uma manifestação pacífica e ordeira.

José Dirceu assegurou que o roteiro da marcha não interferirá na programação do Governo para comemorar o Descobrimento e, por isso, disse que não vê motivo para a Polícia Militar e o Exército impedirem a passagem dos manifestantes.

— Já conversei com líderes do Governo em Brasília e até com o governador César Borges, dizendo a eles que faremos uma marcha sem incidentes. É direito nosso ir às ruas.

O presidente do PT disse ainda que os incidentes que vêm ocorrendo no país, como a mobilização dos índios e as invasões de terras, não podem ser pretexto para os governos federal e da Bahia impedirem o direito de ir e vir da manifestação.

— Em vez de impedir, o Governo deveria criar condições para as manifestações populares — disse.

A senadora Marina Silva (PT-AC), que também está em Porto Seguro, afirmou:

— A democracia tem que assegurar tanto as comemorações dos que não se sentem incomodados quanto dar liberdade aos que querem protestar contra a exclusão social. ■

Mudou, mas deixou o telefone.

NÃO PERCA OS PRAZOS
 Casa&Você - 13h do dia anterior, Empregos - 13h do dia anterior,
 Veículos - 14:30h do dia anterior, Imóveis - 15h do dia anterior.

534-4333

CLASSIFICADOS O GLOBO

Novos Classificados. Vendendo que é um exagero.